



## TEXTO DE REFERÊNCIA

### Módulo IV

### O Socialismo no Mundo Contemporâneo

#### Aula 4

### O Socialismo Depois da Queda do Muro

#### O Socialismo depois da queda do Muro de Berlim e do colapso da URSS

*Robério Paulino<sup>1</sup>*

É muito difícil falar sobre o que ainda não aconteceu e pouco ou quase nada se escreveu. O colapso do que se chamou de *socialismo real* é ainda muito recente e suas conseqüências e lições só serão entendidas mais claramente com o passar do tempo, o que dá ao historiador a vantagem do olhar em perspectiva. Assim como a Revolução Russa e a constituição da URSS foram elementos estruturantes fundamentais da realidade política e social do Século XX, seu desaparecimento vem implicando importantes mudanças estruturais no mundo, que se sentirão ainda talvez por décadas. Cabe aqui, portanto, antes de tudo, um esclarecimento de que, em cima de acontecimentos tão recentes em termos de escala histórica, não se podem afirmar verdades ou conclusões, pois a tarefa de entender as causas e lições daquele processo não é tarefa para um homem só, mas sim uma construção coletiva que levará ainda muito tempo. Além do que nas ciências sociais não existe uma única verdade, mas sim o enriquecedor embate de idéias. Dito isto, este texto procura apenas pontuar modestamente alguns tópicos considerados importantes para discussão, levantados por determinados autores após o a queda do sistema soviético, sobre os novos caminhos e desafios colocados para o socialismo no Século XX. Sem negar aqui as grandes conquistas sociais trazidas pelo advento das experiências socialistas do Século XX, o que se coloca sim com certeza é uma

---

<sup>1</sup> Robério Paulino é doutor em História Econômica pela USP, economista e professor.



necessidade de um reexame rigoroso das práticas e idéias que levaram por fim ao seu esgotamento, como condição para que o socialismo volte a reencantar a humanidade como uma alternativa de organização societária superior ao capitalismo em todos os aspectos.

### **As conseqüências do colapso do *socialismo real***

O colapso do chamado *socialismo real*, representado pela queda do Muro de Berlim e pelo colapso da URSS e o retorno ao capitalismo dos países que compunham a esfera soviética ou o “campo socialista”, como a China, por exemplo, abre muitas questões de discussão para a humanidade em geral e para os socialistas em particular. A primeira questão que é colocada é a propósito da validade das idéias de Marx e da teoria socialista, não no sentido se estas correspondem ou não à realidade, a respeito da validade de suas análises, mas se suas proposições são de fato aplicáveis como meio de transformação da sociedade.

Os inimigos do socialismo passaram a apresentar propositalmente a queda dos regimes do Leste Europeu não como o fim de um modelo apenas, de uma experiência determinada que terminou por se esgotar, mas como o *fim do socialismo*, como de comprovação da impossibilidade histórica de qualquer tentativa de superação do capitalismo, ou seja, como o triunfo definitivo deste. Não é apenas um regime de inspiração socialista que desaparece, mas a confiança política na possibilidade de sua implantação. O fim do “comunismo” soviético e o retorno dos antigos países ditos socialistas ao capitalismo foram apresentados como o triunfo da economia de mercado, do liberalismo econômico. A partir de então, as posições a favor da livre concorrência ganham força, abrindo espaço para a onda neoliberal que presenciamos atualmente no terreno econômico. O capitalismo e seus defensores se livram de um modelo de contestação, da possibilidade de algo diferente deste, de uma nova sociedade, baseada na propriedade coletiva e em novas formas de relações de produção, entre outras coisas. O fim da URSS abriu espaço para a redução das concessões capitalistas e para o ataque aos sistemas de Estado de bem-estar-social por parte dos liberais. Eric Hobsbawm afirma:



“O principal efeito de 1989 é que o capitalismo e os ricos pararam de ter medo. Tudo o que fez com que a democracia ocidental valesse a pena para seus povos – previdência social, o estado de bem estar social e a desigualdade de oportunidades – resultou do medo. Medo dos pobres e do maior e mais bem organizado bloco de cidadãos dos Estados industrializados – os trabalhadores; medo de uma alternativa que existia na realidade e que podia realmente se espalhar, notavelmente na forma do comunismo soviético. Medo da instabilidade do próprio sistema.”<sup>2</sup>

Por outro lado, dentro da esquerda, muitos setores abandonaram a sua posição inicial, que era a de construção de uma sociedade socialista, por deixarem de acreditar em sua viabilidade e passaram a defender uma administração mais humana e mais democrática do capitalismo, por compreenderem que esta passou a ser, na época atual, a única alternativa possível, ou seja, o colapso do socialismo real reforçou as posições de reforma do capitalismo e abandono da perspectiva socialista.

A discussão sobre a inviabilidade ou falência do socialismo é a primeira questão que os teóricos que ainda estão comprometidos com o socialismo procuraram responder. A primeira resposta que pode ser dada a essa questão - e ao que parece, foi essa a primeira preocupação dos defensores do socialismo - é a de diferenciar o *socialismo real* do socialismo proposto por Marx que, em essência, era totalmente diverso daquele. A esse respeito, Ralph Miliband afirma:

“Na essência do pensamento de Marx, há a insistência de que o socialismo, sem mencionar o comunismo, implica a subordinação do Estado à sociedade; e mesmo a ditadura do proletariado, na perspectiva de Marx, deve ser entendida como tudo menos um governo popular sem mediação.”<sup>3</sup>

Isso destoa completamente do que aconteceu nos regimes do Leste Europeu, onde o Estado hipertrofiado era monopolizado pelo Partido Comunista único e gerido de maneira ditatorial, como mostramos na aula 2 deste módulo.

---

<sup>2</sup> HOBBSBAWM, E. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992. pág 103.

<sup>3</sup> MILLIBAND, Ralph. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992. pág 28.



O segundo argumento para responder a crítica capitalista sobre a inviabilidade do socialismo é apontar que, apesar do fracasso do *socialismo real*, as contradições geradas pelo capitalismo atual, como a fome, a miséria, as guerras, a desigualdade social, a opressão, permanecem, não foram nem serão solucionadas por este. Segundo Norberto Bobbio:

“Os pobres e desvalidos continuam condenados a viver em um mundo de terríveis injustiças, esmagados por magnatas econômicos inatingíveis e, ao que parece, imutáveis, dos quais sempre dependem as autoridades políticas, mesmo que formalmente democráticas. Em um mundo assim, julgar que a esperança da revolução desgastou-se, e acabou exatamente porque a utopia comunista fracassou, é sinônimo de fechar os olhos para não ver.”<sup>4</sup>

Afinal, para os socialistas, cada vez mais fica explícito que o capitalismo não tem condições de solucionar as suas próprias contradições. Vejam-se as crises que gerou, as guerras mundiais no Século XX com milhões de mortos e destruição, a desigualdade social dentro dos países e entre eles, a agressão à Natureza que ameaça a vida no planeta. Daí a necessidade da construção de uma nova sociedade, baseada em novas relações de produção. Mais do que a sua possibilidade, o que os socialistas apontam em primeiro lugar, é a necessidade de superação do capitalismo para salvar a raça humana e o planeta de sua irracionalidade. Este também foi um grande papel do socialismo, o de apontar os problemas do capitalismo e mostrar que estes só são solucionáveis dentro de uma nova sociabilidade.

É interessante lembrar, como afirma Carlos Nelson Coutinho, que **o necessário reexame da herança do stalinismo não deve se confundir de nenhum modo com o abandono do marxismo, confusão e abandono, infelizmente, também hoje em moda.**<sup>5</sup>

### **As conquistas das experiências socialistas do século passado.**

---

<sup>4</sup> BOBBIO, Norberto. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992. pág 19.

<sup>5</sup> COUTINHO, C.N. *Prefácio a Contra a corrente*. São Paulo, Cortez, 2000. <http://www.artnet.com.br/gramsci>



As revoluções socialistas do século passado, apesar de seu esgotamento na última década do século, não foram de nenhuma forma de pouca significação para a humanidade e para os povos que as realizaram. A Revolução Russa e demais revoluções socialistas operaram, sem dúvida grandes transformações sociais em favor das massas nos países onde se deram e também, indiretamente, nos países ocidentais. Grandes foram os avanços em terrenos como educação, saúde, habitação e na ciência e na tecnologia. As revoluções colocaram nas mãos de milhões de seres humanos e especialmente de milhões de crianças dos países atrasados, pela primeira vez, escovas de dente, cadernos e lápis, além de serviços de saúde pública, coisa que o mercado capitalista por si só, com sua lógica concentradora de renda e riqueza, jamais teria feito. Para isso, bastaria observar e comparar o que era a Rússia do começo do século e a Rússia de hoje, o que era a China de antes de 1949 e a China de hoje e os avanços sociais alcançados, por exemplo, em Cuba, apesar do atraso em outras áreas.

Mas as conquistas das formações socialistas do século anterior não se restringem aos seus países; se estenderam ao Ocidente, tantos em termos políticos quanto especialmente no terreno social. A URSS derrotou os nazistas na 2ª Guerra Mundial. Hobsbawm lembra:

“Sem os sacrifícios da União Soviética e de seus povos, o capitalismo liberal ocidental contemporâneo (fora os Estados Unidos isolados) agora consistiria de um conjunto de variações de regimes autoritários e fascistas, ao invés de um conjunto de variações de regimes liberais. Sem o Exército Vermelho, as chances de derrotar os poderes do Eixo eram inexistentes. Talvez a história decidirá que a realização mais duradoura da Revolução de Outubro foi a de tornar ‘o mundo desenvolvido’ novamente seguro para a ‘democracia burguesa’.”<sup>6</sup>

O medo de uma revolução nos países mais avançados da Europa também levou a que seus governos fizessem inúmeras concessões sociais às classes trabalhadoras desses países. A Revolução Russa teve o papel de acelerar o tempo histórico. Além de apressar o desenvolvimento das forças produtivas na URSS, que inicialmente era muito bem baixo, ainda obrigou os governos dos países capitalistas a adiantar o passo em suas concessões como o estabelecimento de uma legislação trabalhista, a criação de sistemas de proteção e previdência social, redução do desemprego, elevação

---

<sup>6</sup> HOBBSBAWM, E. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992. pág 97.



dos salários e melhoria do nível de vida da classe trabalhadora. Ademais de uma necessidade de criar demanda pela produção da sua indústria, o Estado de bem-estar social foi também uma maneira que o Ocidente encontrou de garantir que a imensa classe trabalhadora dos seus países, já bem organizada e politizada, não se inclinasse pelo socialismo. O keynesianismo deve ser visto também como uma política de contenção da influência socialista no Ocidente.

### **Algumas possíveis causas do colapso do sistema soviético ou *socialismo real***

Outra questão a que os marxistas estão tendo que se dedicar com afinco - e daí surgiram as mais variadas posições - é a respeito das causas do colapso do socialismo soviético. Um conjunto de causas parece ter contribuído para levar o sistema soviético à desagregação. Para Eric Hobsbawm, a queda do Muro de Berlim significou o fim de uma era em que a história mundial girava em torno da URSS. Por isso chamou o Século XX de breve Século XX. Várias são as razões que podem ser arroladas para uma evolução tão contraditória e para a falência do modelo stalinista.

Uma primeira causa parece ter sido o atraso material e cultural da velha Rússia. Marx e Engels esperavam o advento da revolução primeiramente nos países capitalistas adiantados, mas ela começou por um país atrasado. A Rússia não tinha as forças produtivas desenvolvidas o suficiente para construir o socialismo. Na Rússia o capitalismo era ainda incipiente e subsistiam elementos de modos de produção pré-capitalistas. A necessidade de criar as condições objetivas necessárias à implantação de uma economia socialista exigia uma industrialização acelerada, a construção da base material necessária ao socialismo. Esta por sua vez, aliada à necessidade de defesa contra os ataques externos, levou a uma extrema centralização do poder do Estado, que tinha o papel de organizar essa industrialização, levou à militarização das relações sociais. Isso terminou por ser feito de maneira desumana e autoritária. De início esses foram os primeiros problemas com que os bolcheviques se depararam. Em seguida surgiram inúmeros outros, como a agressão externa, os elevados gastos militares com a guerra civil num primeiro momento e depois com a constante ameaça de novas agressões.



A outra questão foi exatamente a agressão permanente que a URSS sofreu. A guerra civil quase destruiu a economia do país. Dez anos foram necessários só para recuperar o mesmo nível de 1913. Na Segunda Guerra Mundial os soviéticos perderam 26 milhões de vidas, enquanto os Estados Unidos não perderam nem 1 milhão. A destinação do que o país tinha de melhor e do maior volume de recursos para a indústria pesada e para o complexo industrial militar não foi uma opção livre, mas derivava do medo permanente das agressões que o país sofreu. A Guerra Fria e a corrida armamentista parecem ter exaurido a economia soviética e está na base de seu colapso. Além do que, ao militarizar as relações sociais não permite a prática da democracia. Isso obrigou a URSS a desviar recursos de outros setores da economia para investir na indústria armamentista bem como na subsistência de seu exército. Além de impedir o investimento necessário para atender ao setor social.

Outro fator parece ter sido o isolamento. O socialismo, como já se viu, só poderia ser uma formação mundial; não poderia haver *socialismo em um só país*. Lênin e os bolcheviques sabiam que o triunfo definitivo da Revolução Russa dependia da vitória da revolução nos demais países da Europa, em especial na Alemanha, que era mais industrializada. A derrota ou simplesmente a ausência de revoluções nos demais países desenvolvidos da Europa também foi um fator que levou ao isolamento da Rússia e contribuíram para a posterior derrocada do seu regime. O reformismo que tomou conta das grandes organizações sindicais no Ocidente a partir das concessões à classe trabalhadora serviram de fato para inviabilizar revoluções nesses países e manter isolada a Revolução Russa. A burocracia política da URSS ao defender o *socialismo num só país*, talvez não soubesse, mas estava assinando a sua sentença de morte. A experiência Russa parece demonstrar que Marx estava correto em suas afirmações de que o socialismo só poderia se dar a partir de uma sociedade onde o capitalismo estivesse plenamente desenvolvido e de que só poderia sobreviver se tivesse um caráter mundial.

O caráter ditatorial do regime soviético, a falta de democracia na sociedade, parece ter sido um elemento fundamental, se não o decisivo, para sua derrocada ao final do século. Se num primeiro momento a extrema centralização do poder do Estado permitiu que se implantasse uma industrialização audaciosa, num segundo momento foi um entrave fatal para a continuidade do desenvolvimento das forças produtivas na URSS. Além de levar a população a se opor ao regime



policial, permitiu que esta identificasse comunismo com ditadura e se colocasse a favor de seu fim e não se opusesse ao retorno ao capitalismo. A luta por liberdades democráticas terminou por solapar a propriedade nacionalizada e permitir uma privatização das mais radicais sob orientação neoliberal.

Hobsbawm aponta três fatores que para ele influenciaram na derrocada do regime soviético. O primeiro foi a incapacidade do socialismo de gerar uma economia de alta tecnologia, e o seu fracasso na produção em massa de bens de consumo. O segundo foi que, numa era de economia transnacional e de comunicações globais, já não era mais possível ocultar informações da população a respeito da situação no resto do mundo, em termos materiais e de liberdade política. O terceiro foi que com a sua desaceleração econômica e a continuidade de seu relativo atraso em termos de produtividade e eficiência, já não foi mais possível a URSS sustentar sua posição de potência e competir sozinha com o todo o capitalismo ocidental.

### **As lições que a história parece indicar**

Aparentemente, as questões que mais têm preocupado os marxistas após a queda do Muro de Berlim dizem a respeito às lições que devem ser tiradas do colapso do *socialismo real*, ou seja, quais foram os erros cometidos ali e o que deve ser superado para que se possa construir um socialismo de fato. Alertando que essa deve ser uma discussão coletiva e que o que segue aqui são posições iniciais para debate, podemos apontar pelo menos três aspectos que, ao que tudo indica, os teóricos marxistas têm repensado após a queda do Muro de Berlim, no sentido de apontar como deve ser uma sociedade socialista, oposta ao modelo soviético.

### **A necessidade da mais ampla democracia e da liberdade no socialismo**

O primeiro, parte da caracterização do socialismo soviético como um sistema autoritário e burocrático. O socialismo, que denunciava a opressão e a injustiça do mundo capitalista e que prometia a construção de uma sociedade mais justa e mais humana, tornou-se, depois de certo tempo, o seu oposto. A ditadura stalinista foi um regime tão cruel quanto o as mais cruéis ditaduras



capitalistas. Isso permitiu aos teóricos do capitalismo afirmar que o socialismo é um regime essencialmente autoritário, e que a democracia é exclusiva do capitalismo. Um fator que contribuiu com o surgimento da burocracia e para a consolidação de um regime totalitário na URSS foi o fato de que na Rússia o povo não havia tido nenhuma experiência prévia com a democracia. Suas referências eram o patriarcalismo e a autocracia, frutos de relações sociais pré-capitalistas.

Apesar das imensas limitações da democracia burguesa, da sua incapacidade de gerar igualdade social, da ditadura que existe dentro das empresas capitalistas no dia a dia, de todas as ditaduras que o capitalismo apoiou no século XX, como vimos na América Latina, a democracia burguesa pôde parecer mais democrática não por seus próprios méritos, mas porque a qualidade de seu opositor nesta esfera era muito pior. Ou seja, o regime stalinista forneceu os argumentos contra o socialismo aos capitalistas.

Não é correto afirmar que a democracia é exclusiva do capitalismo, nem que o socialismo é um regime autoritário. Primeiro, porque dentro dos marcos do capitalismo a democracia está subordinada às relações de classe, é extremamente limitada. De acordo com Ralph Miliband:

“A democracia burguesa, em um contexto de dominação de classe, é na maioria das vezes transformada em um instrumento de dominação, fornecendo às classes dominantes um valioso elemento de legitimação. Também, a democracia burguesa é corrompida pelas práticas autoritárias a que freqüentemente recorrem os governos nas sociedades capitalistas; e é vulnerável à abrogação quando formas democráticas ameaçam tornar-se um desafio sério à dominação de classe.”<sup>7</sup>

A sua opção pela democracia real os socialistas devem mostrar desde hoje, dentro das democracias capitalistas. O modelo de democracia representativa hoje vigente mantém a alienação do povo em relação ao poder político do Estado. Uma sociedade é mais democrática quanto mais prescindir do modelo representativo em detrimento de uma participação mais direta e cotidiana da sociedade civil na gestão do Estado. A representatividade, em um determinado grau é inevitável, evidentemente. Mas deveria ser mantida sob limites e sob rigorosa supervisão dos demais membros da sociedade para garantir que fosse a mais democrática o possível. Uma tarefa dos socialistas seria,

---

<sup>7</sup> MILLIBAND, Ralph. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992. pág 28.



portanto, a de defender e alargar as conquistas democráticas obtidas dentro do capitalismo. Travar as suas lutas dentro da democracia burguesa, participando ativamente das eleições, mas sem alimentar ilusões e sem esquecer que o motor desta luta vem das ruas, da luta extra-parlamentar. Os objetivos de participação na democracia burguesa seriam o de apontar e criticar as suas limitações, tanto no que se refere à questões eleitorais e constitucionais, quanto às diversas formas de exploração e opressão possibilitadas pela organização hierárquica da vida em todas as suas esferas. E principalmente propor uma sociedade capaz de superá-las. Achar que a luta pela democracia no capitalismo está encerrada é um erro, como alerta Milliband:

“A noção de que a batalha pela democracia já foi vencida nos sistemas capitalistas democráticos, com exceção de algumas reformas eleitorais e constitucionais às margens, simplesmente em virtude de se terem alcançado o sufrágio universal, a competição política aberta e eleições regulares é uma noção profundamente limitante e debilitante que tem servido extremamente bem às forças conservadoras e que precisa ser exposta e contestada.”<sup>8</sup>

Em relação à questão das liberdades obtidas dentro do capitalismo liberal, elas constituem o pré-requisito da democracia, segundo Norberto Bobbio. Para estes autores, a democracia socialista não deve prescindir dos valores do liberalismo capitalista, pelo contrário, os supera; a democracia só pode ser atingida levando as exigências do liberalismo à máxima radicalidade. Bobbio fala a respeito das quatro liberdades básicas do homem que seriam a base de uma democracia liberal: a liberdade individual, a de imprensa e de opinião, a de reunião e a de associação. Para ele a maior prova do fracasso do *socialismo real* consiste no fato de que todos os que se rebelaram contra ele tinham essas liberdades básicas como exigência. O que mais uma vez demonstra que as exigências da população no Leste Europeu não eram contra o socialismo e sim contra aquele modelo de socialismo que abria mão das liberdades básicas do homem, conquistadas e asseguradas à duras penas dentro da democracia liberal.

Carlos Nelson Coutinho não compartilha com essa posição de Bobbio. Para ele a democracia não existe sem socialismo e não deve ser identificada com liberalismo.

<sup>8</sup> MILLIBAND, Ralph. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992. pág 30.



“(...) se sem democracia não há socialismo, tampouco há democracia plena e consolidada sem socialismo, ou seja, sem a superação da sociedade de classes, fundada na exploração e na alienação. O socialismo não é um abstrato ‘conjunto de valores’ que orientaria a utópica tarefa de ‘melhorar’ o capitalismo (...)”<sup>9</sup>

Ele afirma que alguns setores da esquerda, no caso ele se refere à esquerda brasileira, cometem o equívoco de pensar que é necessário optar entre o socialismo ou a democracia.

“Para tais segmentos, já não se trata de articular socialismo e democracia, mas simplesmente de afirmar que o socialismo tornou-se peça de museu, a ser enterrado junto com o século XX, não restando assim à esquerda outra tarefa além daquela de ‘compatibilizar capitalismo e justiça social’.”<sup>10</sup>

**A primeira lição que pode ser tirada do colapso do socialismo soviético, portanto, é que um verdadeiro socialismo precisa ser mais democrático que o capitalismo.** Mas não é suficiente afirmar que o socialismo deve se basear na democracia, mas sim apontar a partir de qual modelo democrático ele deve ser construído. Uma democracia socialista deveria ser organizada a partir da participação efetiva dos membros da sociedade civil controlando o Estado, como preconizava Gramsci. Os regimes de tipo soviético não foram mais democráticos apenas por não terem assegurado a participação do povo nos órgãos de poder. Mas se não o foram é porque esses órgãos estavam submetidos a um rigoroso controle por parte do Estado e do partido, não gozando de nenhuma autonomia, ou seja, a classe trabalhadora e a sociedade estavam órfãs em sua representação frente ao Estado.

Para garantir uma gestão realmente democrática do Estado, no socialismo, seria necessário incentivar muitos tipos de associações e organizações autônomas da sociedade, que mantivessem formas de **poder político fora do Estado**. Dessa forma, os organismos de poder popular, gozando de autonomia em relação ao Estado, poderiam fiscalizá-lo e, ambos os poderes, se complementariam. **O que só poderia ser assegurado, obviamente, se fossem mantidas as**

<sup>9</sup> COUTINHO, C.N. *Préface a Contra a corrente*. São Paulo, Cortez, 2000. <http://www.artnet.com.br/gramsci>

<sup>10</sup> Idem.



**liberdades democráticas fundamentais, como a liberdade de imprensa, de crítica e de reunião, por exemplo.**

### **Socialismo e humanismo**

Outra lição importante que se pode tirar do colapso do *socialismo real* é a respeito do **caráter humano que deve ter uma democracia socialista**, ou seja, de que não se deve esquecer, como fez o regime soviético, **de que o socialismo é, antes de qualquer coisa, uma forma de humanismo**. O socialismo não prescinde dos ideais de fraternidade, igualdade solidariedade e justiça, inerentes ao humanismo; estes também constituem sua gênese, como o fim da exploração do homem pelo homem e da opressão que resulta dessa exploração.

O capitalismo subordina o homem à economia, fomentando assim o egoísmo, destruindo as relações humanas. Na linha de produção o corpo humano é uma mera extensão da máquina. Desde a Revolução Industrial e especialmente ao longo do século XX, o capitalismo cumpriu o papel de, através da ciência, criar inúmeras formas de aumentar a produção, introduzindo novas máquinas que aumentaram a produtividade e a rentabilidade do capitalismo. No entanto, o tempo de trabalho do trabalhador não diminuiu com a incorporação de novas tecnologias na produção. Os trabalhadores manejam novas máquinas, que exigem um maior esforço físico por parte desses e a produtividade do capitalismo aumentou muito porque as novas tecnologias permitiram aos capitalistas o aumento da extração da mais-valia relativa dos trabalhadores.

Seu tempo de trabalho não aumentou, mas a produção e o esforço físico que os trabalhadores têm que fazer cotidianamente aumentaram muito com os avanços do capitalismo. Dessa maneira, o tempo livre que lhes resta, embora seja o mesmo cronologicamente, é muito menos produtivo do ponto de vista pessoal e social, já que os trabalhadores estão mais cansados. Os trabalhadores dentro da fábrica ou empresa não passam de mais uma máquina, mais um objeto. O aumento do desemprego estrutural também cria uma espécie de concorrência desumana entre os trabalhadores.



Além de levar ao aumento da violência que parte do setor de trabalhadores marginalizado da sociedade, o capitalismo também fomenta o preconceito e a opressão das minorias étnicas e das mulheres como forma de aumentar a exploração. Enfim, a lógica do capitalismo é a da produtividade sem limites, no menor tempo possível, em detrimento das relações humanas.

**Nesse aspecto das relações humanas, o socialismo soviético não conseguiu se diferenciar do capitalismo, sendo tão cruel quanto este** e, em diversos aspectos esta crueldade foi maior devido à falta de democracia desse regime. A lógica da produtividade sem limites, acima do elemento humano também imperou na URSS a partir dos anos 30. As minorias também foram brutalmente perseguidas pelo regime soviético, pois seu caráter ditatorial possibilitou isso com muito menos entraves que enfrentaria a democracia burguesa. O stalinismo perseguiu de maneira implacável desde seus opositores políticos, desde os trotskystas até os xamãs da Sibéria, oprimiu, prendeu e matou aos milhões desde camponeses até homossexuais.

**Um verdadeiro socialismo deve se distinguir tanto do capitalismo quanto do socialismo soviético.** Em primeiro lugar, em seu **resgarde dos valores humanos**, em mostrar que as pessoas são mais importantes do que a produção. O autêntico socialismo deve fomentar a solidariedade e a fraternidade, já que o ser humano é um ser social, em oposição ao egoísmo. **Deve mostrar que as pessoas são mais importantes que os objetos e que elas valem por aquilo que são e não pelo quanto podem consumir, que é a lógica do capitalismo.** Deve incentivar o desenvolvimento pessoal do indivíduo, ao invés de exigir que ele se sacrifique para produzir cada vez mais e mais excedentes.

Os socialistas começam a perceber que uma nova sociabilidade deve se assentar sobre relações mais amáveis entre os indivíduos, sobre a delicadeza nas relações pessoais. Ao ser questionado sobre qual motivo o levou a iniciar sua militância política, um militante socialista chamado Adam Schaff deu uma resposta que ilustra muito bem o que significa o papel dos socialistas nesse sentido.

“Penso que em meu caso - e o considero muito representativo - desempenhou um grande papel a minha sensibilidade diante da injustiça social que



me rodeava... e a aceitação de um determinado sistema de valores que encabeçava o princípio judeu-cristão do amor ao próximo (...). Esta sensibilidade teve um peso decisivo em minha orientação (...) Sem o amor ao próximo, sem um fundamento moral e sem a disposição de combater toda a injustiça que causa sofrimentos aos homens, a idéia do socialismo se transforma em algo estéril que facilmente pode degenerar-se, como nos demonstraram as deformações do chamado socialismo real(...)"<sup>11</sup>

### **Capitalismo, socialismo e ecologia: um perigoso alerta**

Outro ponto sobre o qual os marxistas passaram a refletir mais após a queda do *socialismo real* é a questão ecológica. O capitalismo com a sua lógica de competição desenfreada e busca incessante de maiores lucros está destruindo a Natureza de maneira cada vez mais avassaladora. A lógica da produção em massa, da produção de cada vez maior de excedentes para o mercado, não respeita a Natureza e seus limites. Para desenvolver a tecnologia e aumentar a produção o capitalismo degrada as demais forças produtivas, o ser humano e a Natureza. A lógica consumista do capitalismo leva as pessoas a tratarem a Natureza como um objeto, como um mero meio de consumo, algo do que se extrai apenas, sem se preocupar com sua capacidade de reposição e com o restante da vida animal no planeta. Se o capitalismo se sujeitasse a formas de produção que não degradassem à Natureza teria uma queda na sua produtividade e na sua rentabilidade, o que não é interessante nos marcos desse sistema. A ação do capitalismo está levando a um grau de degradação da Natureza que se continuar no mesmo ritmo poderá em breve ser irreversível, como vêm mostrando a ONU e os cientistas.

O efeito estufa, o aquecimento global, o degelo das calotas polares, o desmatamento que transforma dia a dia quilômetros de florestas em áreas desérticas, além de terem efeitos diretos na qualidade de vida dos seres humanos, são sinais de que a Natureza não consegue se recompor na mesma medida em que é explorada, que não consegue repor os recursos que lhe são extraídos. A humanidade caminha para um desastre vital ambiental. As possíveis conseqüências que uma exploração desenfreada da Natureza poderiam ter num futuro já estão acontecendo hoje. Isso,

---

<sup>11</sup> SCHAFF citado por HECKER, A. *Afinal, de que tradição eles estão falando?* [www.scielo.br](http://www.scielo.br)



felizmente, tem levado a um início de conscientização das questões ecológicas por parte do movimento socialista.

“A humanidade atingiu agora o ponto em que pode de fato destruir a biosfera – a habitação de plantas, animais e humanos no globo – ou pelo menos mudá-la para pior de formas imprevisíveis e dramáticas. O ‘efeito estufa’ é algo com que todos nós temos que aprender a conviver. Isto é o resultado de crescimento econômico desmedido em passo acelerado. É verdade, a teoria socialista sempre foi a favor disto e a prática socialista, especialmente no Leste europeu, produziu poluição maciça. Mas o capitalismo, diferentemente do socialismo, compromete-se pela sua natureza ao crescimento sem limites.”<sup>12</sup>

**Na URSS a questão ecológica também não foi tratada com seriedade;** a lógica da industrialização acelerada e do rápido desenvolvimento das forças produtivas também não levou em conta os limites da Natureza. A explosão da usina nuclear de Chernobyl foi o maior exemplo disso e serviu para dar uma série de argumentos para deslegitimar e enfraquecer o sistema soviético, o de que esse era mal planejado e mal organizado e o de que era destrutivo, inclusive em relação à natureza. Mas o socialismo foi pioneiro em apontar e denunciar o caráter predatório do capitalismo.

Na Europa, prevalece uma polêmica entre os marxistas e os ecologistas chamados “verdes”. Para esses, o marxismo compartilha da visão capitalista do *produtivismo*, da visão mecânica de que o desenvolvimento das forças produtivas levaria à abundância e assim resolveria todas as demandas da sociedade. Michael Lowy, um dos principais teóricos do eco socialismo, afirma que esta crítica do marxismo por parte dos “verdes” está só em parte correta. Em parte porque o marxismo pouco levou em conta a ação destruidora da industrialização sobre a Natureza. **As técnicas de produção capitalistas destroem o meio ambiente.** Os marxistas da primeira metade do século XX viam com admiração os métodos do taylorismo e do fordismo e a forma como estes desenvolviam as forças produtivas. O modelo de gestão fordista teve grande receptividade na URSS, o próprio Lênin afirmava que o desenvolvimento do socialismo deveria se dar a partir dos métodos já alcançados pelo capitalismo.

<sup>12</sup> HOBBSBAWM, E. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992. Pág 266.



Por outro lado, para Lowy, a crítica dos “verdes” está incorreta, pois, segundo ele, coube ao marxismo denunciar a degradação da Natureza que é reflexo da lógica da produção capitalista:

“(…) foi Marx que denunciou a lógica capitalista de produção, a acumulação do capital, das riquezas e das mercadorias como objeto em si. A própria idéia de socialismo - ao contrário de suas miseráveis contrafações burocráticas - é a de uma produção de valores de uso, de bens necessários à satisfação de necessidades humanas. Para Marx, o objetivo supremo do progresso técnico não é o crescimento infinito de bens [‘o ter’], mas a redução da jornada de trabalho e o aumento do tempo livre [‘o ser’].”<sup>13</sup>

Assim, **o socialismo precisa ser complementado com uma visão ecológica.** Lowy faz, no entanto, uma série de críticas aos que pensam que a questão ecológica pode ser resolvida nos marcos do capitalismo.

“O problema é que as proposições feitas por uma parte da ecologia européia são realmente insuficientes ou levam a impasses. Sua principal fraqueza é a de ignorar a conexão entre o produtivismo e o capitalismo, o que conduz à ilusão de um ‘capitalismo limpo’ ou de reformas capazes de controlar seus ‘excessos’ [por exemplo, as ecotaxas]. Ou então, tomando como pretexto a imitação pelas economias burocráticas de comando, do produtivismo ocidental acabam considerando o capitalismo e o ‘socialismo’ como variantes do mesmo modelo – um argumento que perdeu seu interesse após o desmoronamento do pretense ‘socialismo real’.”<sup>14</sup>

**O socialismo deve, para os ecossocialistas, abrir mão da noção de progresso baseada na industrialização sem limites. Não deve se ocupar apenas das demandas imediatas dos trabalhadores, por melhores rendas e melhores condições de vida, sem levar em consideração a preservação dos recursos naturais que não são renováveis. Deve buscar um equilíbrio entre ambos e buscar um desenvolvimento sustentável, que além de garantir melhorias para a humanidade, leve em consideração as outras espécies e os outros elementos presentes na Natureza.** Eles se opõem à concepção de domínio da Natureza pelo homem e defendem uma nova concepção de trabalho que ao invés de explorar a natureza, tenha por objetivo, estimular seu desenvolvimento.

<sup>13</sup> LOWY, Michael. *De Marx ao Ecossocialismo*. [www.mra.org.br](http://www.mra.org.br)

<sup>14</sup> Idem.



Isso se daria a partir do momento em que a sociedade passasse a desenvolver novas relações de produção que não fossem degradantes às forças produtivas, ou seja, sob relações de produção verdadeiramente socialistas. Os ecossocialistas, como M. Thuswoll, defendem uma sociedade baseada num socialismo humanista e ecológico.<sup>15</sup>

Para Jean-Marie Harribey, foram três acontecimentos que, em conjunto, possibilitaram a fusão do marxismo com a ecologia:

“Trata-se primeiro do desaparecimento dos (anti) modelos ‘socialistas’ que prejudicavam a utilização da teoria de Marx para fins de crítica radical do capitalismo. O segundo acontecimento foi a liberalização completa do capitalismo, sob a batuta dos mercados financeiros tornados globais, que se saldou por uma inversão da relação de forças a favor do capital e em detrimento do trabalho. O terceiro acontecimento é a convergência das mobilizações populares e das lutas sociais contra os danos da mundialização capitalista, nomeadamente identificando com clareza as paradas das negociações no seio da Organização Mundial de Comércio: a recusa da mercantilização do mundo e da privatização dos seres vivos contém em si o questionamento dos dois termos da crise que atinge sobretudo as populações mais desfavorecidas: social e ecológico.”<sup>16</sup>

Para desenvolver um socialismo ecológico, ou uma ecologia marxista, é necessário que o movimento socialista se adapte ao novo momento histórico em que está inserido, que supere a noção de que apenas a coletivização dos meios de produção é o suficiente, mas que passe a considerar as relações sociais com mais seriedade. Da mesma forma, outros teóricos da ecologia, como os “verdes” não poderiam incorrer no erro de acreditar que a preservação da Natureza poderia se dar dentro do modo de produção capitalista.

Existem condições materiais naturais que são indispensáveis à atividade humana, independente do modo de produção. Os ecossocialistas se propõem a redefinir os objetivos de uma produção socialista levando em consideração a questão ecológica; defendem que esse é o verdadeiro princípio do socialismo. Contudo, se opõem as alternativas que se proponham às reformas do capitalismo, tanto quanto ao produtivismo do regime burocrático soviético. Isso seria

<sup>15</sup> THUSWOLL, M. *Evitar o desastre ambiental é tarefa para agora*. <http://www.terrazul>

<sup>16</sup> HARRIBEY, J. *Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana*. <http://resistir.info>



possível impondo limites ao desenvolvimento, de maneira sustentável, o que não significaria escassez ou privações. No *Manifesto Ecosocialista Internacional* pode-se encontrar:

“O objetivo é a transformação das necessidades, uma profunda mudança de dimensão qualitativa, não quantitativa. Do ponto de vista da produção de mercadorias, isso se traduz em uma valorização dos valores de uso em detrimento dos valores de troca – um projeto de relevância de longo prazo baseado na atividade econômica imediata.”<sup>17</sup>

A única maneira de superar a crise gerada pelo capitalismo seria, sob o modo de produção socialista, desenvolver uma produção ecológica, pois o capitalismo não é capaz de resolver suas próprias e contradições e a questão ecológica é uma contradição para um modo de produção baseado na acumulação. O capitalismo é, portanto, para os ecosocialistas, um modo de produção *insustentável*. Além de terem extração altamente poluidora, os combustíveis fósseis, como o petróleo, já têm data para acabar. A energia atômica, devido ao acúmulo de lixo atômico por milhares de anos, também deve ser descartada.

Seria mais democrática a adoção de fontes de energias renováveis como a solar, no entanto isso não interessaria ao capitalismo, pois ela é gratuita. Uma sociedade baseada nos preceitos do ecosocialismo também precisaria ser mais democrática, pois seria baseada na livre associação dos produtores, como preconizava Marx. Dessa forma, ela libertaria os seres humanos de todas as formas de opressão e exploração, deixando-os assim em harmonia com a natureza. O movimento operário, no entanto, com exceção de alguns partidos e organizações de esquerda e social-democratas, mantém ainda uma visão produtivista e progressista. Isso leva um setor do movimento ecologista a ver o movimento operário como determinadamente produtivista. Mas existem mudanças que, embora incipientes, já começam a se mostrar.

Nesse sentido, os movimentos sociais têm já uma visão bem mais avançada, principalmente aqueles ligados diretamente à questão agrária, tanto por se dedicarem à dura crítica ao agronegócio e aos seus malefícios, tanto sociais quanto ecológicos, quanto por pensarem novas formas de produção coletivas e mais democráticas. O ecosocialismo se dá concretamente na luta dos

---

<sup>17</sup> *Manifesto Ecosocialista Internacional*.



movimentos sociais, populares e ambientalistas contra as empresas e governos que degradam o meio ambiente. Para os ecossocialistas, as raízes do ecossocialismo estão no Brasil, na luta de Chico Mendes pela preservação da Amazônia e nas lutas do MST.

O ecossocialismo deve unir o movimento operário-sindical e ecológico e, através da aliança entre os ecologistas e os socialistas, superar o anti-humanismo naturalista do movimento ecológico bem como a lógica progressista e produtivista do marxismo. Os socialistas e os ecologistas devem se unir para lutar por reformas imediatas, mesmo que isso não signifique resolver as contradições ecológicas do capitalismo, primeiro porque em relação ao meio ambiente não se pode perder tempo, segundo, porque as reivindicações de caráter ecológico podem assumir formas de transição para uma economia socialista.

Lowy aponta qual seria **uma plataforma em comum pela qual deveriam lutar os socialistas e os ecologistas**, no sentido de conter a degradação ambiental e assim combater o capitalismo.

1) Defesa do transporte coletivo:

Os meios de transportes coletivos gratuitos ou mais baratos seriam a maneira de resolver o problema no trânsito rodoviário que enfrentam as grandes cidades, além de eliminar grandes agentes de poluição, que são os meios de transportes individuais como os carros e as motocicletas.

2) Luta contra as dívidas ao FMI:

As dívidas que o FMI e o Banco Mundial impõem aos países do hemisfério sul têm conseqüências sociais e ecológicas, como a destruição dos recursos naturais destinados à exportação, por exemplo.

3) Defesa da saúde pública:

A luta contra a poluição é uma questão de saúde pública, combater a poluição da água e do ar pelas grandes empresas, são formas de garantir a saúde da população.



#### 4) Redução da jornada de trabalho:

A redução da jornada de trabalho resolveria o problema do desemprego e garantia o tempo livre do indivíduo em detrimento da lógica da acumulação.

### Atualizar as análises sobre o capitalismo atual

Para além das lições que se possam tirar da falência do *socialismo real*, outra questão que despertou a atenção dos teóricos marxistas no último período é o que diz respeito ao caráter do capitalismo na atualidade. A queda do Muro de Berlim foi decisiva para que os marxistas revissem seus pressupostos e os adequassem a atual fase do capitalismo. No entanto, faz-se necessário também identificar como o capitalismo se desenvolve nessa fase e para isso não é mais suficiente amparar-se no *O Capital* de Marx. Este serve como um pressuposto básico para esclarecer como se desenvolve a engrenagem do capitalismo em qualquer época, porém surge a necessidade, para se pensar uma ação coerente contra o capitalismo do século XXI, de apontar com detalhes as peculiaridades que o capitalismo assume nessa época. Surge assim, a necessidade de se elaborar um “*Capital do século XXI*”. Foi esta a tarefa a que se propôs István Mészáros, em sua obra *Para Além do Capital*.

O autor faz uma diferenciação entre os conceitos de capital e capitalismo e afirma que, foi a confusão entre esses dois conceitos que permitiu a derrota de todas as experiências revolucionárias do século XX.

“ ‘capital’ é uma categoria dinâmica e a força social a ela correspondente aparece – na forma de capital ‘monetário’, ‘mercantil’ etc. – vários séculos antes de a formação social do CAPITALISMO enquanto tal emergir e se consolidar. De fato, Marx estava muito interessado em apreender as especificidades históricas das várias formas do capital e suas transições de uma a outra, até que finalmente o CAPITAL INDUSTRIAL se torne a força dominante do metabolismo socioeconômico e objetivamente defina a fase clássica da formação capitalista.”<sup>18</sup>

<sup>18</sup> MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002. pág 1064



O capital é, portanto, um fenômeno anterior ao capitalismo e posterior em alguns casos, como nos regimes do Leste Europeu, que romperam com o capitalismo, sem conseguir superar o capital. O capitalismo é uma das formas que o capital assume. Meszáros afirma o mesmo em relação à produção de mercadorias: esta não deve ser identificada com a produção capitalista de mercadorias. A primeira é anterior à segunda exigindo assim uma definição precisa das especificidades históricas do modo capitalista de produção de mercadorias. A necessidade dessas definições tem por justificativa, do ponto de vista prático, o fato de que ambos, capital e mercadoria, sobrevivem ao fim do capitalismo e subsistem numa fase pós-capitalista. A estratégia socialista, para Meszáros, se dá de duas formas. A primeira diz respeito aos objetivos históricos fundamentais e a segunda, aos objetivos imediatamente realizáveis.

“Os primeiros se voltam para o estabelecimento da sociedade socialista, que representa qualitativamente uma ‘nova forma histórica’ (Marx), que implica avançar para além do próprio capital, superando assim, efetivamente, o mundo do capital propriamente dito, enquanto os últimos são forçados a definir seu alvo apenas como o ataque e a superação das forças dominantes do capitalismo, permanecendo, necessariamente, num sentido vitalmente importante, no interior dos parâmetros estruturais do capital. Em contraste, sem a reestruturação do arcabouço estrutural do capital, inerente não apenas a um dado mecanismo econômico, mas ao sociometabolismo herdado em geral – realizável somente como um processo histórico complexo, com todas as suas contradições e potenciais retrocessos e perturbações -, é inconcebível levar o projeto socialista à sua efetivação apropriada.”<sup>19</sup>

As características negativas do capital já não podem mais ser ignoradas. Se no século XX foi possível aos trabalhadores terem algumas reivindicações atendidas e avanços nas suas condições de vida, hoje essas conquistas parciais não teriam êxito. Qualquer reivindicação parcial, hoje em dia, teria que desafiar o “sistema do capital como tal” já que a “auto-expansão produtiva” não é mais uma possibilidade. As reivindicações dos diversos setores por questões específicas estão relacionadas à questão do trabalho, no sentido de oposição à ordem do capital. O capital só pode fazer concessões em relações à temas que são “integráveis” à sua lógica e que possibilitem a sua expansão. Problemas como a questão ecológica e a opressão das mulheres não podem ser solucionados nos marcos do capital, pois não são integráveis a este. Contudo, apenas o fato de que

<sup>19</sup> MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002. pág 1065



essas demandas não são integráveis ao capital, não garante a vitória destas. Apesar de suas limitações, o trabalho, ou seja, os trabalhadores organizados, é o único movimento que pode apresentar uma alternativa ao capital, segundo Meszáros.

“(…) a transferência da lealdade dos socialistas desiludidos da classe trabalhadora para os chamados ‘novos movimentos sociais’ (hoje valorizados em oposição ao trabalho e desprezando todo o seu potencial emancipador) deve ser considerada prematura e ingênua. Os movimentos de questão única, mesmo quando lutam por causas não-integráveis, podem ser derrotados e marginalizados um a um, porque não podem alegar estar representando uma alternativa coerente e abrangente à ordem dada como modo de controle sociometabólico e sistema de reprodução social. Isto é o que faz o enfoque no potencial emancipador socialista do trabalho mais importante hoje do que nunca.”<sup>20</sup>

Meszáros aponta **quatro questões que são elementos centrais para se entender as grandes contradições do capitalismo hoje:**

- 1) O antagonismo entre o capital transnacional e os Estados nacionais que, apesar dos esforços para uma globalização, continua irreconciliável.
- 2) O impacto catastrófico do capital sobre a Natureza.
- 3) A incapacidade do sistema do capital, inclusive de suas variantes pós-capitalistas, de resolver a questão da opressão da mulher.
- 4) O desemprego crônico.

## Bibliografia

BOBBIO, Norberto. O reverso da utopia. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

BLACKBURN, Robin (org). *Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

---

<sup>20</sup> MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002. pág 95



CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 3 vols.; vol. 1, *A Sociedade em Rede*; vol. 2, *O Poder da Identidade*; vol. 3, *Fim do Milênio*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, Carlos N. *Prefácio a Contra a corrente*. São Paulo, Cortez, 2000. In:

<http://www.artnet.com.br/gramsci>

GORENDER, Jacob. *O Fim da URSS. Origens e fracasso da Perestroika*. 2. ed., São Paulo: Atual, 1992.

HARRIBEY, Jean-Marie. *Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana*. In: <http://resistir.info>

HECKER, Alexandre. Afinal, de que tradição eles estão falando? *Revista Brasileira de História*. vol.18 n.35 São Paulo 1998. In: [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos. O breve século XX. 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Adeus a tudo aquilo. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. Renascendo das cinzas. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

LAQUEUR, Jaques. *O Fim de um sonho*. São Paulo: Best Seller, 1995.

LOWY, Michael. De Marx ao Ecosocialismo. In: *Revista Marxismo Revolucionário Atual*.

[www.mra.org.br](http://www.mra.org.br)

MANDEL, Ernest. *El poder y el dinero: Contribución a la teoría de la posible extinción del Estado*. México. D.F.: Siglo Veinteuno Editores, 1994.

MEDVEDEV, Roy. *Era inevitável a Revolução Russa?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MÉSZÁROS, István. *Para além do Capital*. SP: Boitempo, 2002.



MILIBAND, Ralph. Reflexões sobre a crise dos regimes comunistas. In: BLACKBURN (org). *Depois da queda*. SP: Paz e Terra, 1992.

NOVE, Alec. *A economia do socialismo possível*. São Paulo: Ática: 1989.

PALMEIRA, Vladimir. *URSS: existe socialismo nisto?* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma revolução perdida - A história do socialismo soviético*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.

SWEEZY, Paul. *A sociedade pós-revolucionária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THUSWOLL, Maurício. *Evitar o desastre ambiental é tarefa para agora*. In: <http://www.terrazul>

TRATENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o socialismo*. São Paulo: Moderna, 1986.

Vários. *Manifesto Ecosocialista Internacional*. In: [www.associacaocaete.org.br](http://www.associacaocaete.org.br)